

Trajetórias de vida e biografias nas Ciências Sociais: pesquisas empíricas, discussões metodológicas, diálogos interdisciplinares

PAULO GUÉRIOS

Universidade Federal do Paraná, Departamento de Antropologia, Curitiba – Paraná, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-8395-6272>
pguerios@ufpr.br

JAIME SANTOS JR.

Universidade Federal do Paraná, Departamento de Sociologia, Curitiba – Paraná, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-7809-6976>
jaimesjr@ufpr.br

Desde os primeiros textos clássicos publicados no quadro da “Escola de Chicago” nos anos 1920, diferentes vertentes das ciências sociais dedicaram-se, nos últimos 100 anos, ao estudo de “biografias”, “trajetórias” ou “histórias de vida”. Atentas a estabelecer mediações entre diferentes disciplinas, mas também entre dualismos conceituais da área (“social” e “individual”, “objetivo” e “subjetivo”, “explicação” e “interpretação”), essas pesquisas têm lançado mão de metodologias diversas, como as entrevistas, a coleta de testemunhos, as etnografias em arquivos, ou a leitura crítica de textos biográficos ou autobiográficos já publicados (cf. Becker, 1993; Queiroz, 1986; Guérios, 2011).

Este dossiê reúne trabalhos empíricos que se dedicaram a esse campo de conhecimento, assim como discussões conceituais e metodológicas sobre o assunto. Ao longo dos textos, emergem discussões teóricas e metodológicas sobre o uso e a produção de relatos biográficos; explorações da reflexividade do próprio pesquisador ao lidar com o passado (o seu próprio ou aquele de seus interlocutores); percepções da relevância dos estudos de trajetórias para a historiografia das diferentes disciplinas das Ciências Sociais; análises acerca da relevância política dessas estratégias metodológicas; assim como questionamentos de acerca de temas diversos, elicitados pelos materiais empíricos trabalhados por cada autor.

A diversidade dos textos acolhidos inscreve-se também em outro registro, o da escrita. Descortina-se, com isso, fértil debate sobre as formas de representar o outro e da autoridade de quem se coloca como autor. Se a urgência dessa discussão chegou primeiro na Antropologia pelo efeito do texto etnográfico, com a caudalosa produção da vertente pós-moderna sobre esse tema, ela não se restringiu a esse campo, uma vez que a empresa reivindicada pelo paradigma da ciência moderna suscitou críticas sobre os limites do seu emprego, notadamente nas humanidades. As consequências desse *aggiornamento* está por ser documentada. Isto porque enfrentar as formas de representação da realidade é tocar, em última instância, na própria ideia de “verdade” no sentido de composição factual.

Os estudos biográficos, não raro, padecem da acusação de fragilidade das provas. Tudo se passa como se o testemunho oral e a consequente contaminação da subjetividade do depoente acumulassem vícios insanáveis em termos metodológicos. O enfrentamento dessa questão obteve considerável avanço, como já dissemos, na literatura antropológica, mas há um veio profícuo dessas discussões na crítica literária. Não é o caso de nos aprofundarmos aqui, mas vale a pena desenvolver brevemente essa questão.

Livre das amarras que nos prendem ao factual, a literatura teria explorado melhor a ambiguidade presente na construção (auto)biográfica entre autor, narrador e personagem. O ponto que merece destaque nesse debate é, primeiro, avançarmos na crítica a uma noção de “real” que exclua o efeito da interação do sujeito – vale apontar aqui a natureza dialógica do modo de proceder das Ciências Sociais. Nessa chave, o “real” emerge como efeito do discurso. No que diz respeito aos estudos biográficos, isso seria importante na medida em que reorienta os investimentos analíticos para uma paisagem em que a vida não apareceria como “texto” a ser desvelado, donde a preocupação com os arroubos da subjetividade – do sujeito e do outro – na contaminação das formas de legibilidade do “real”. O que nos resta? Um caminho poderia ser o que propõe Philippe Lejeune sobre o que convencionou chamar de “pacto biográfico”, termo aqui evocado no artigo de Cioccarì. Trata-se de emprestar atenção analítica ao gradiente que oscila entre o ficcional e o referencial, que estaria acordado no “pacto” que se firma entre o autor e o leitor. Isso suaviza a noção de “real”, o factual, como condição ou fundamento das provas, acatando a intromissão do ficcional nas formas de apreendê-lo. Mas isso depende do que for lavrado no “pacto biográfico”.

Diverso será o entendimento se assumirmos que o conhecimento do factual não ocorre senão mediado pela interação dialógica. Se assumirmos esta hipótese, a consequência para os estudos biográficos está em dissolver a ideia de um factual que seja imune ao ficcional. Com isso, não se trata de jogar na bacia das almas qualquer pretensão de separação entre o que se reivindica como “objetivo” e “subjetivo” nas análises biográficas, mas de tornar essa rigorosa separação uma questão sociológica irrelevante. Não há novidade nisso e já se acha muita munição para arguir nessa direção, é o que reclama,

por exemplo, Arfuch (2010) com a ideia de “espaço biográfico”, ou mesmo nos estudos sobre a memória em Ricoeur (2007).

Como argumenta Klinger (2023) acerca de uma vertente da literatura contemporânea, “fato” e “ficção” como polaridades que se repelem saem de cena e podem ser entendidos, em nosso caso, como uma armadilha metodológica. Assumindo-se as ambiguidades presentes na relação nós-eles, reconhecendo a diversidade de interesses (manifestos e latentes) e das posições sociais e formas de autoridade em situação de interlocução com o “outro”, aplainamos o caminho para enfrentar confessionalismos ingênuos e máscaras metodológicas que mobilizamos quando queremos dizer que “a entrevista foi livre”, ou que houve uma “imersão total” na realidade pesquisada. Insistimos, não pela impossibilidade de que isso esteja ao alcance, mas pela pretensão de que isso sirva como âncora de cientificidade.

A exploração discursiva das autobiografias coloca em nosso campo de atenção as pretensões desse outro que quer falar por si mesmo e que, nesse sentido, interpela-nos. Como sugere Klinger (2023, p. 163),

No final das contas, os debates produzidos nas três ordens [estética, epistemológica e política] evidenciam um colapso do paradigma científico “sujeito-objeto”, numa época em que o outro não pode ser mais entendido como “objeto” passivo de conhecimento, e sim como “sujeito político”, que negocia seu lugar na arena da representação política e estética. Assim, pode-se pensar o conhecimento como um jogo ou uma negociação de forças que se produz nas relações interculturais.

No âmbito dos textos reunidos neste dossiê, a intenção autobiográfica é tematizada de modo mais direto nos textos de Coutinho *et al.* e de Alves Pinto. No primeiro, a reflexão autobiográfica surge quando acionada pelo sociólogo José de Souza Martins como um instrumento a serviço de suas análises das transformações do Brasil no último século. Para entender a transição entre o rural e o urbano, entre o agrário e o industrial, assim como a especificidade da consolidação do capitalismo no país, Martins lança mão do estudo de trajetórias de vida diversas. Coutinho *et al.* analisam aqui suas publicações sobre a poetisa parnasiana Francisca Júlia e sobre o conde Francisco Maratazzo, mostrando como as vicissitudes de suas vidas são casos representativos e esclarecedores para a compreensão desses processos de mudança. O terceiro caso trabalhado pelas autoras é o estudo de Martins acerca de sua própria trajetória e daquela de seus ascendentes, tematizada pelo sociólogo para discorrer sobre as transformações do mundo do trabalho relativas a essas transformações econômicas e simbólicas mais gerais. Em termos metodológicos, o texto destaca como esse esforço de Martins para explorar os condicionantes de sua formação pessoal se relaciona com sua compreensão da atividade intelectual enquanto um trabalho artesanal. Inspirado pela discussão de Wright Mills acerca da “imaginação sociológica”, o sociólogo tomou a si próprio como objeto de investigação, em um esforço que, como sublinham as autoras, revela-se, mais do que como uma proposta de trabalho, enquanto uma proposta existencial – em que suas experiências, ideias, e escritos são tomados como matéria-prima de pesquisa.

No caso da contribuição de Alves Pinto, os relatos autobiográficos abordados são três textos escritos por seu autor/narrador, o sociólogo Emílio Willems, sobre seu próprio percurso pessoal e profissional. Esses textos são aqui tomados como objeto para perscrutar o próprio fazer autobiográfico. Ao

explorar minuciosamente as situações que envolveram a produção dessas três reflexões de Willems, levadas a cabo em diferentes momentos de sua existência, o autor é capaz de perscrutar os dilemas e os condicionantes que infletiram sua conformação. A atenção às demandas que estiveram na origem de sua produção, aos assuntos que são destacados ou omitidos em cada caso, ou a quais interpretações mudam entre um texto e outro permitem a Alves Pinto afirmar que os textos autobiográficos de Willems não são voltados prioritariamente a uma reflexão sobre si, mas que apresentam, antes, um caráter instrumental: ao registrá-los, o sociólogo busca afirmar para os pesquisadores brasileiros sua importância na constituição das ciências sociais no país, e, no caso do terceiro texto analisado, registrar elementos de seu percurso pessoal e profissional como um legado para sua família. São textos constitutivamente relacionais e polifônicos.

Em sua análise, Alves Pinto lança mão de uma pesquisa empírica ampla e compreensiva, não se restringindo à cuidadosa exploração das correspondências de Willems. Ele recorre a diversas fontes possíveis para construir sua argumentação: descreve os contextos imaginados de recepção, que estimulam Willems a mencionar, em cada texto, diferentes colegas ou mestres; explora as publicações preparadas pelo sociólogo na época da escrita das autobiografias, encontrando nelas associações temáticas significativas com as reflexões autobiográficas apresentadas nos textos; mapeia os usos anteriores das fontes mobilizadas em sua própria pesquisa. A noção de arquivo, assim, amplia-se consideravelmente.

De fato, todos os textos que compõem esse dossiê compartilham uma característica central, bastante comum em estudos de trajetórias nas Ciências Sociais: eles lançam mão de uma metodologia de caráter empírico e indutivo, voltada à análise de interações concretas, em que se percebe, como afirmam Coutinho *et al.*, “a precedência do método sobre o conceito, e da História sobre a estrutura”. Esta opção metodológica conduz, nas palavras das autoras, à busca de “pistas, detalhes, rastros, mensagens infinitesimais do cotidiano para reconstituir sistemas de conhecimento e crenças dos grupos sociais estudados”, destacando o caráter contingente de tais sistemas de conhecimento em relação aos processos histórico-sociais que lhes servem de fundamento. As regularidades mais amplas, assim, tornam-se compreensíveis a partir da atenção ao particular e ao singular, de modo que as análises micro auxiliam o pesquisador a elaborar e colocar à prova novas hipóteses, utilizando a variação de escalas com propósitos experimentais; desse modo, nas palavras de Giovanni Levi (1992: 139), “a observação microscópica revelará fatores previamente não observados”.

Os materiais empíricos trabalhados por Coutinho *et al.* dizem respeito a intelectuais, artistas e membros da elite. Eles são construídos, assim, a partir de fontes cuja existência e disponibilidade para a pesquisa estão relacionadas com a posição social privilegiada dos sujeitos a que se referem. No entanto, quando o pesquisador de trajetórias de vida toma como foco de sua atenção pessoas que não deixam traços escritos, muitas vezes os relatos sobre seus percursos devem ser produzidos ao longo do próprio processo de pesquisa. O instrumento mais usado para isso são as entrevistas de história de vida, em que a atenção reflexiva à relação estabelecida entre entrevistador e entrevistado torna-se fundamental. Ao revisitar, em sua contribuição para esse dossiê, suas pesquisas acerca das trajetórias de trabalhadores e camponeses perseguidos pelo regime militar no Brasil, Cioccaro coloca em destaque o caráter mútuo da escuta entre as partes ao longo das entrevistas, mostrando como relações de afeto são inerentes ao processo de construção de conhecimento científico nessa área. Seu artigo mostra que não há contra-

dição entre esse caráter relacional da pesquisa e a exigência de rigor teórico e metodológico em sua execução: como ela afirma, sua cuidadosa revisão dos fundamentos epistemológicos que formaram a base de seus trabalhos na área é colocada a serviço de uma reflexão acerca do “processo de reconstrução dessas memórias pelos narradores e por mim mesma, como pesquisadora, ao participar ativamente desta empreitada, ora provocando o relato, ora sendo “afetada” [por ele]”.

Os relatos desses trabalhadores colocam-nos em contato com as lembranças traumáticas de vítimas da ditadura militar; como a autora aponta, são constituídos de “memórias subterrâneas”, permeadas, nos termos de Michael Pollak (1989), de silenciamentos, da dificuldade de comunicar o indizível, e dos riscos que (ainda no presente) sua elocução coloca para quem foi submetido a tais violências. As vivências que surgem nos depoimentos tratam de agressões, torturas, sequestros e prisões em instalações militares e privadas. Os perseguidos foram detidos e violados por lutarem pela efetividade dos direitos trabalhistas, por melhores condições de trabalho ou pela simples possibilidade de negociação com os patrões. Nesse sentido, o trabalho de Cioccarri apenas toma seu sentido pleno a partir do compromisso político da pesquisadora para “levar adiante as histórias que [lhe] foram confiadas”, contribuindo para divulgar as violências cometidas por um regime antidemocrático e para estimular seu reconhecimento e sua reparação por parte do Estado.

As conexões entre ativismo político e produção de conhecimento na Antropologia são exploradas também no artigo de Cassalho *et al.*, que encerra este dossiê. Nele, os autores restituem a trajetória do antropólogo David Webster, assassinado nos anos finais do *apartheid* na África do Sul devido a sua participação como articulador de grupos de resistência ao regime. A análise de uma homenagem a Webster, feita pelos músicos de *timbila* (estudados por ele em seu doutorado) após seu assassinato, mostra como sua experiência etnográfica articulou uma aliança política, espelhada nos valores locais de cuidados e compromissos mútuos.

Adicionalmente, os autores restituem cuidadosamente o funcionamento do campo da Antropologia sul-africana durante o regime, destacando, em suas palavras, “as complexidades de um campo disciplinar atravessado por tensões políticas e sociais, onde o compromisso ético com a pesquisa e o ativismo frequentemente desafiava os limites impostos pelo *apartheid*”. A experiência histórica dessa Antropologia é assim resgatada para explicitar a indissociabilidade entre a produção de conhecimento na área e suas implicações políticas.

De diferentes maneiras, todos os textos que compõem este dossiê desdobram-se em uma atitude reflexiva acerca dos fazeres intelectuais dos próprios pesquisadores que os escrevem, ou cujas obras são tomadas como tema de estudo. Eles oferecem, assim, ao mesmo tempo, a oportunidade de refletir sobre as histórias de suas diferentes disciplinas, ao explorar como elas foram praticadas e pensadas em diferentes tempos e espaços.

Ao restituir a multiplicidades e as diferentes dimensões do vivido e do experimentado; ao enfatizar as interpretações feitas pelos próprios pesquisados; ou ao evitar cindir as vivências observadas entre diferentes especialidades disciplinares e temáticas, os estudos de biografias, trajetórias e histórias de vida permitem uma aproximação em relação à complexidade da vida social que os aproximam das virtudes do olhar etnográfico. Daí suas inesgotáveis potencialidades heurísticas, epistemológicas e políticas – retratadas nos artigos que compõem o presente dossiê.

REFERÊNCIAS

- Arfuch, Leonor. (2010). *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. EdUERJ.
- Becker, Howard. (1993). História de Vida e o *Mosaico Científico*. In: Howard Becker, *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. Hucitec, pp. 101-115.
- Guérios, Paulo. (2011). “O estudo de trajetórias de vida nas Ciências Sociais: trabalhando com as diferenças de escalas”. *Campos*, 12(1), pp. 9-29.
- Klinger, Diana. (2023). *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. 7 Letras (4ª ed.).
- Levi, Giovanni. (1992). “Sobre a micro-história”. In: Peter Burke (ed.). *A escrita da história. Novas perspectivas*. Editora da UNESP, pp. 133-161.
- Pollak, Michael. (1989). Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, 2 (3), pp. 3-15.
- Queiroz, Maria Izaura. (1986). “Relatos orais: do “indizível” ao “dizível””. *Ciência e Cultura*, 39, pp. 272-286.
- Ricoeur, Paul. (2007). *A Memória, a história, o esquecimento*. Ed. Unicamp.

TRAJETÓRIAS DE VIDA E BIOGRAFIAS NAS CIÊNCIAS SOCIAIS: PESQUISAS EMPÍRICAS, DISCUSSÕES METODOLÓGICAS, DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES

Resumo: O presente dossiê reúne pesquisas e reflexões teórico-metodológicas vinculadas aos estudos de trajetórias, histórias de vida e biografias nas ciências sociais. Os artigos que o compõem exploram temas como a reflexividade do próprio pesquisador ao lidar com o passado (o seu próprio ou aquele de seus interlocutores); a relevância dos estudos de trajetórias de intelectuais para a historiografia das diferentes disciplinas das Ciências Sociais; e a relevância política do emprego dessas estratégias metodológicas. Destaca-se como essas abordagens permitem uma aproximação em relação à complexidade da vida social que os aproximam das virtudes do olhar etnográfico.

Palavras-chave: trajetórias de vida; histórias de vida; biografias; intelectuais.

LIFE TRAJECTORIES AND BIOGRAPHIES IN THE SOCIAL SCIENCES: EMPIRICAL RESEARCH, METHODOLOGICAL DISCUSSIONS, INTERDISCIPLINARY DIALOGUES

Abstract: This dossier brings together theoretical and methodological discussions on the study of trajectories, life histories, and biographies in the social sciences. The articles that comprise it focus on themes such as the reflexivity of the researcher when dealing with the past (their own or that of their interlocutors); the relevance of the study of trajectories of intellectuals for the historiography of different disciplines within the Social Sciences; and the political relevance of employing these methodological strategies. It also highlights how these approaches allow for a close understanding of the complexities of social life, bringing them closer to the virtues of the ethnographic perspective.

Keywords: life trajectories; life stories; biographies; intellectuals.

TRAYECTORIAS DE VIDA Y BIOGRAFÍAS EN LAS CIENCIAS SOCIALES: INVESTIGACIONES EMPÍRICAS, DISCUSIONES METODOLÓGICAS, DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARIOS

Este dossier reúne investigaciones y reflexiones teóricas y metodológicas vinculadas al estudio de trayectorias, historias de vida y biografías en las ciencias sociales. Los artículos que lo componen exploran temas como la reflexividad del investigador al abordar el pasado (el propio o el de sus interlocutores); la relevancia de los estudios de trayectorias intelectuales para la historiografía de diferentes disciplinas dentro de las ciencias sociales; y la relevancia política del empleo de estas estrategias metodológicas. Se destaca cómo estos enfoques permiten una conexión más estrecha con la complejidad de la vida social, acercándolos a las virtudes de la perspectiva etnográfica.

Palabras clave: trayectorias de vida; historias de vida; biografías; intelectuales.

SUBMETIDO: 18/02/2026

APROVADO: 20/02/2026

PUBLICADO: 10/04/2026



Este é um material publicado em acesso aberto sob a licença *Creative Commons* BY-NC